



Questão 1.

Demente a partir de 2010, com a formulação da Lei 10.639, que complementa a LDB, que o ensino de história e culturas africanas passou a ser, de forma oficial, inserido como conteúdo a ser abordado no ciclo da educação básica. Por esse motivo, desde então, deveriam ser trabalhadas, nas aulas de língua portuguesa, as literaturas africanas dos países que falam português. Porém, o que se percebe na prática, apesar de toda importância dessa inserção, é que ainda há um abismo entre o que prevê a lei e a realidade em sala de aula.

Inserir o ensino das culturas africanas na escola nas aulas de história, artes e de língua portuguesa, por exemplo, é de extrema importância, uma vez que possibilita ampliar o olhar do aluno e sair de um paradigma europeu de construção literária, por exemplo, privilegiada no espaço escolar. Como aponta Cândido (1969), não podemos entender o processo de identidade cultural, política, social e também literária sem levar em consideração o mesmo processo de miscigenação do branco, do índio e do negro. Assim, o ensino escolar de literatura africana é muito mais do que reconhecer o outro, uma "outra cultura", mas também de se reconhecer, a partir de um diálogo cultural.

A partir desse reconhecimento, verifica-se a importância desse ensino para a quebra da hegemonia literária europeia e também para quebra de preconceitos com culturas que, muitas vezes, são desconhecidas, fazendo com que muitos alunos reproduzam o senso comum, sem criticidade. Conforme Cândido apresenta, estudar literatura ~~em~~ permite nos colocar no lugar do outro, sentindo sensações que não são nossas, tornando-nos mais humanos. Esse olhar poético, acerca do ensino de literatura como um todo, possibilita afirmar que, além do debate e da fruição que o texto literário nos permite, abordar a lite-

natura africana em sala de aula corrobora para o respeito às diversidades culturais, embora esse não seja o objetivo do ensino de literatura em sala de aula. (principal)

Porém, o que se observa é que, embora a lei exista e tenha sido amplamente divulgada, a abordagem do ensino de literatura africana ainda é uma realidade tímida, sem reflexões culturais, sem despertar nos alunos a intertextualidade, como Cosson (2010) apresenta, que é um elemento importante para a formação do leitor. Com muito, isso se deve ao próprio desconhecimento de autores (por parte dos professores, por uma lacuna em suas formações acadêmicas) que podem ser abordados como Pepetela em Angola e Mia Couto em Moçambique. Além disso, ainda há o desconhecimento dos temas abordados por essas obras que podem dialogar com a realidade brasileira, como no conto "As mãos de Pedro" em que é focado o tema do racismo, podendo se estabelecer um elo de discussão entre as culturas africana e brasileira.

Portanto, verifica-se que o ensino de literatura africana de língua portuguesa faz parte de um projeto maior, em que se pretende discutir e conhecer as culturas africanas no espaço escolar. Nesse contexto, ensinar literatura africana contribui para reconhecer o outro e a si mesmo, a partir de um processo de dialogismo, contribuindo para a quebra da hegemonia de visões portuguesas, oferecendo aos alunos outros olhares e reconstruções da realidade. Porém, ainda é um caminho com muitos desafios para que realmente esse trabalho faça diferença no espaço escolar e na sociedade, uma vez que não reconhecemos a literatura africana como influenciadora da nossa produção.

4

Questão 02:

De acordo com os PCN, também é importante o ensino de elementos multilinguísticos em sala de aula, não em uma abordagem puramente gramatical com um fim em si mesmo. Com a tomada do texto com unidade de ~~ensino~~ ensino, não se pode pensar em abandonar o ensino dos aspectos estruturais da língua, uma vez que o seu reconhecimento é importante para a construção e interpretação crítica de textos. Como aponta Santos (2006), o ensino de língua portuguesa (L.P) deve abordar uma associação entre leitura - aspectos linguísticos - produção, em uma relação de uso / reflexão / uso da língua. Dessa forma, é importante relacionar um determinado conteúdo gramatical a um gênero textual, por exemplo.

Uma ^{realidade} ~~exemplo~~ em que isso pode ser colocado em prática é na relação entre o ensino dos conteúdos de estrutura e formação de palavras e literatura africana de língua portuguesa. Essa literatura, até para resgatar suas memórias e construir um processo de identidade ~~cultural~~ nacional em um momento pós-colonização, ~~por~~ apresenta uma tradição oral e popular, recuando os mitos que reiteram suas memórias ancestrais.

Por esse motivo, as obras de Mia Couto e de Pepetla, por exemplo, são espaços cujo uso de elementos morfológicos, como sufixos e prefixos, são explorados para a reconstrução dessa realidade e o resgate dessas memórias. Também é possível estabelecer uma relação das palavras utilizadas no português do Brasil com raiz de origem de dialetos africanos, estabelecendo uma aproximação linguística. Além disso, também é um espaço de recursos como os neologismos em que se pode discutir em sala de aula tanto o seu uso como recurso estilístico no espaço literário, como também os mecanismos linguísticos utilizados para

sua construção. Ainda há a possibilidade de se discutir o dinamismo da língua e a sua possibilidade de reconstrução de sentidos pelos diferentes contextos comunicativos, bem como a mudança de uso de determinadas palavras em diferentes classes gramaticais (derivação impropria), contribuindo para uma visão de língua muito além de um conjunto de signos linguísticos, sendo entendida como uma atividade discursiva e com propósitos comunicativos, como propõe Bakhtin (1994).

Questão 03:

Embora os PCN já analisem a importância de trabalhar com textos literários no ensino fundamental, afirmando ser "importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas em sala de aula" (1998, p.29), essa ainda não é uma realidade presente em todos os espaços escolares.

Durante muito tempo, e ainda hoje, a abordagem do texto literário no ensino fundamental ficou restrita a preenchimentos de fichas de leituras sobre informações superficiais, sem discutir a literariedade desses textos. Além disso, era e é comum a utilização de textos literários com o objetivo de se ensinar aspectos puramente gramaticais.

Essa abordagem não permite construir um letramento literário em que se deve trabalhar, como aponta Cosson (2010), a leitura literária na formação do leitor. Nessa construção, o leitor literário deve ser capaz não apenas de codificar as informações presentes nos textos - leitores - mas também de perceber e reconhecer o trabalho com a linguagem, as imagens construídas, os processos de intertextualidade, buscando - em um processo interativo e dinâmico - associações com o que

§

Koch e Elias (2006) chamam de conhecimento enciclopédico. Para isso, faz-se necessário que a escola proporcione contato com variados textos e que o professor seja um mediador nesse processo. Muitas vezes, algumas informações e percepções do aluno não serão despertadas por uma leitura silenciosa ou até mesmo em voz alta. É importante que haja, de acordo com Kleiman (1993), um diálogo, um espaço para se conversar ~~com~~ sobre o texto, para a criação de uma compreensão conjunta, mediada pelo professor. Nesse contexto, é possível que as considerações acerca da leitura sejam compartilhadas e que os alunos sejam instigados a refletir sobre o que leem, atingindo associações de ideias e compreensões que não conseguiriam sozinhos.

Além disso, a leitura do texto literário não deve ter como seu único fim um processo avaliativo. Azeredo, por exemplo, aponta a importância da leitura apenas pela função, para o deleite, em que os alunos também tenham algum espaço para escolher suas leituras. Isso não quer dizer que não se possa também ter o trabalho com o texto literário uma finalidade ~~também~~ avaliativa, mas ela pode ser realizada de uma forma que ~~além~~ ^{motiva} também ~~os~~ alunos uma construção artística. Santos (2014), por exemplo, sugere associar o texto literário a outras mídias numa perspectiva intertextual e multimídia.

Portanto, a abordagem do texto literário no ensino fundamental II deve ser realizada e ofertada pela escola, a fim de construir um letramento literário. É papel da escola, de acordo com os documentos oficiais, ofertar os alunos a diversidades textuais, construindo um leitor crítico e reflexivo no uso da sua língua materna. Para isso, é importante que o professor rea-



Use o papel de mediador e também seja um leitor literário, apresentando novos textos e dialogando sobre eles